



Conversas sem Margens

Alexandre Lomelino de Freitas^a

^a *Câmara Municipal de Palmela, Divisão de Bibliotecas e Património Cultural*
afreitas@cm-palmela.pt

Resumo

Conversas sem Margens é um projeto onde, a partir da apresentação pública de livros ou de outros conteúdos, se pretende falar de assuntos que marcam o presente de um modo pertinente. A presença nessas sessões de autores, académicos, ativistas e profissionais garante a solidez da informação veiculada. Deste modo, indo ao encontro do que é preconizado no Manifesto IFLA/UNESCO, é proporcionada a construção de um conhecimento que possibilita aos cidadãos «exercer os seus direitos democráticos e ter um papel ativo na sociedade». É um projeto que procura sublinhar o papel que as bibliotecas públicas devem ter na transformação social a partir do exercício da cidadania por parte de cidadãos informados.

Queremos prosseguir este desígnio, contrariando uma suposta imparcialidade indutora de apatia, ela própria, tendenciosa.

Palavras-chave: Bibliotecas públicas, informação, conhecimento, cidadania.

Começámos em 2022 com três sessões. Na primeira, a partir da apresentação do Dicionário da invisibilidade e da obra Quando ninguém podia ficar: Racismo, habitação e território, falámos sobre o racismo e o antirracismo. Na seguinte, a partir da apresentação do livro Homossexualidade e resistência no Estado Novo, foi abordada a realidade LGBTI+. Por último, subordinado ao tema Utopias – um outro mundo é possível?, foi apresentado o livro Pensar o impossível, transformar a realidade – A prática da utopia concreta no Porto e Pirenéus. Estas sessões foram realizadas às sextas-feiras a partir das 21:00, e nelas contámos com uma média de 12 participantes.

No ano seguinte o horário foi modificado. As sessões passaram para as 16:00, sempre ao sábado. A partir do livro Breve história da Europa, falámos da guerra na Ucrânia. Depois, abordámos o património imaterial a partir da apresentação da obra Ouvir o galo cantar duas vezes(...). Na terceira sessão, a crise ambiental e o direito ao futuro foram os temas eleitos, tratados na apresentação do livro Regressar à terra: Consciência ecológica e política do ambiente. Na quarta e última sessão do ano foi apresentado o livro A nova questão da habitação em Portugal. Verificou-se um aumento de público ligado com à mudança do horário e à presença de algumas figuras mais mediáticas como Professora Raquel Varela e o Professor Viriato Soromenho Marques.

Considerando as comemorações dos cinquenta anos do 25 de Abril, dedicámos a esta efeméride todas as sessões de 2024, dando especial relevo ao papel da mulher no processo que culminou na nossa Revolução. Ao longo deste ano apresentámos o documentário multimédia Às escondidas elas também fizeram a revolução, o filme Conceição Matos: Coragem hoje, abraços amanhã, o livro Liberdade, nome de mulher (monografia local), e a novela gráfica Utopia. Assitiu-se a um aumento acentuado de público, sendo que a segunda e a quarta sessão esgotaram a lotação da sala (cerca de 100 presenças). Em 2025 quisemos perceber o modo como a colonização, a guerra colonial e a descolonização afetam o nosso presente coletivo. Logo em fevereiro apresentámos o Angola, Degredo, Salvação e o Tribuna Negra: Origens do movimento negro em Portugal. Depois, em maio, foi a vez do Atrito da Memória: Colonialismo, Guerra e Descolonização no Portugal Contemporâneo. No mês seguinte

fizemos uma visita orientada à exposição Desconstruir o colonialismo, descolonizar o imaginário; O colonialismo português em África: Mitos e realidades, patente no Museu Nacional de Etnologia. Em novembro contámos com o livro Retornados, e a vida nunca mais foi a mesma. A terminar este ciclo, já em 2026, foi organizada uma ida ao Museu do Aljube, à exposição temporária Antes de ser independência foi luta de libertação. Embora não tenham sido alcançados o número do ano anterior, verificou-se uma média de 30 presenças. De notar que as visitas aos museus tiveram um número de inscrições que excedeu a máximo estipulado de participantes (25).

Ao contrário do que aconteceu nos dois anos anteriores, as Conversas sem Margens de 2026 não serão monotemáticas. Iniciámos com uma obra de literatura, a Chuva de Jasmim, a partir da qual falámos da Palestina, da ocupação israelita e o genocídio a que o seu povo está sujeito. Os dois temas seguintes cosem-se com realidades locais que também marcam presença um pouco por todo o território nacional e que refletem a existência de movimentos de auto-organização que visam a resolução concreta de problemas sentidos; a agroecologia e o cooperativismo colaborativo. O tema da quarta sessão ainda não está bem assente. Estará, com certeza, ligado às ruturas e mudanças próprias das sociedades contemporâneas.